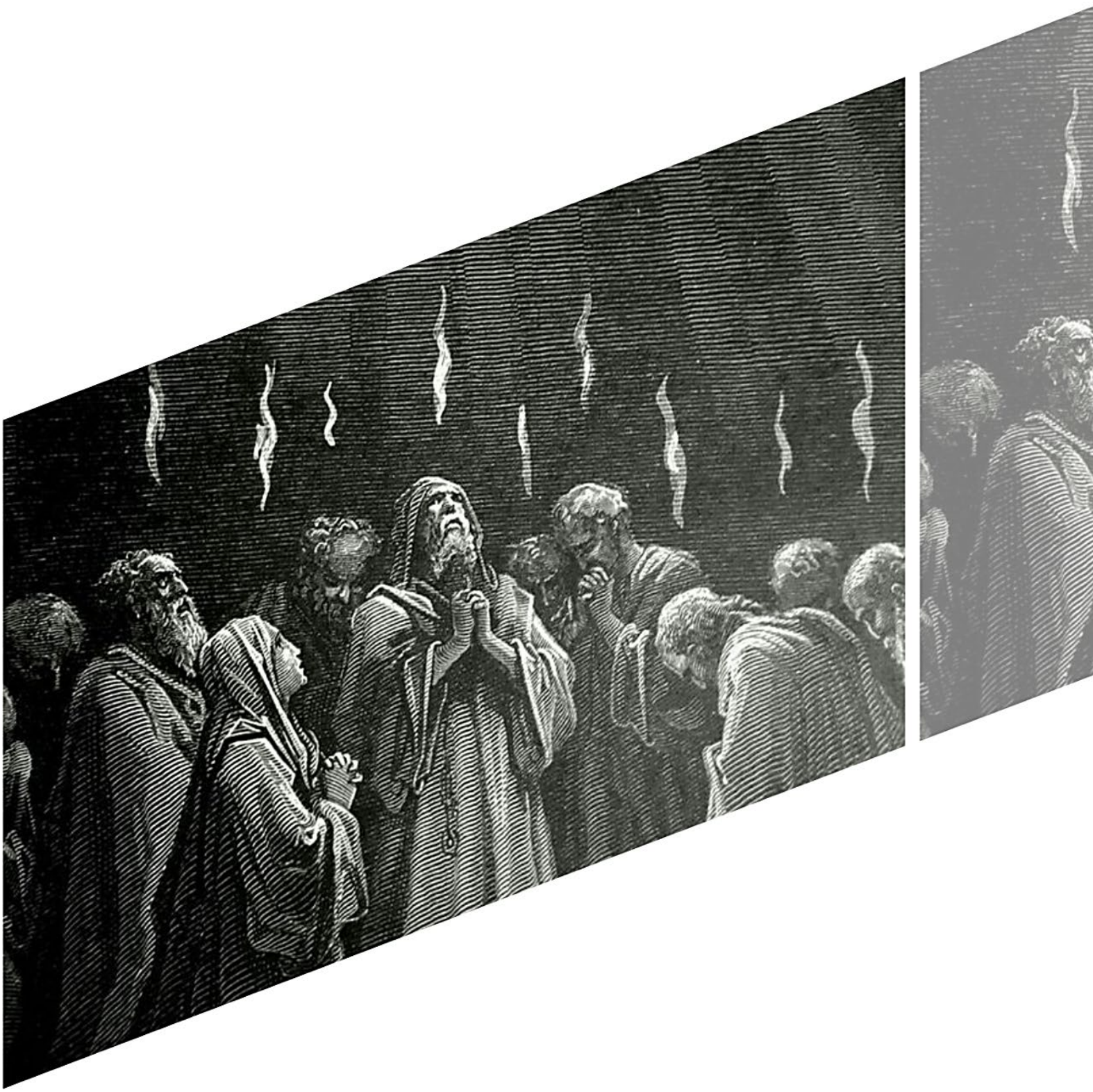
VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB



O DEUS ESQUECIDO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A DOUTRINA E A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO

Fábio de Sousa Neto*

RESUMO

O artigo propõe discorrer sobre o *loci* da pneumatologia, destacando a pessoa do Espírito Santo, seu lugar na Escritura, na reflexão doutrinária e na história da igreja. Evidentemente, a proposta é operar uma síntese, tendo em vista a envergadura da tarefa. A interrogação que deu norte ao estudo foi a seguinte: qual é o lugar da Pessoa do Espírito Santo na Escritura, no desenvolvimento histórico da doutrina e na vida da igreja? Na tentativa de dar respostas ao problema levantado, optou-se por explorar os *insights* bíblicos, a teologia histórica e sistemática, além de parte da história da igreja. Evidentemente, outra questão de máxima importância será destacada, ou seja, questões práticas como o culto, a oração e mesmo os elementos culturais a exemplo dos artefatos musicais e do lirismo cristão através do tempo.

Palavras-chaves: Pneumatologia. Espírito Santo. Escritura. Doutrina. História.

ABSTRACT

The article proposes to discuss the loci of pneumatology, highlighting the person of the Holy Spirit, his place in Scripture, in doctrinal reflection and in the history of the church. Evidently, the proposal is to operate a synthesis, taking into account the scale of the task. The question that guided the study was the following: what is the place of the Person of the Holy Spirit in Scripture, in the historical development of doctrine and in the life of the church? In an attempt to provide answers to the problem raised, we chose to explore biblical insights, historical and systematic theology, as well as part of the history of the church. Evidently, another issue of utmost importance will be highlighted, that is, practical issues such as worship, prayer and even cultural elements such as musical artifacts and Christian lyricism over time.

Keywords: Pneumatology. Holy Spirit. Scripture. Doctrine. History.

* Historiador, especialista em Teologia Sistemática, Mestre em História. E-mail: fabiosousaneto@gmail.com.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

> *"O Espírito Santo tem sido, por muito tempo, como a Cinderela da Trindade. As duas outras irmãs podem ter ido ao baile da teologia; o Espírito Santo, toda vez, é deixado para trás"*
>
> (Alister McGrath)

A epígrafe acima diz respeito à escrita volumosa de um teólogo contemporâneo muito importante. Para não provocar quebra de expectativas, é bom que se diga, depressa, que não se trata de um pensador pentecostal. O autor é Alister McGrath (1953 –), escritor premiado e intelectual ao estilo polímata que já atuou em prestigiadas universidades como *Oxford* e na *King's College* de Londres.

A constatação de McGrath (2005) diz respeito a uma questão extremamente séria e facilmente constatada; certa minimização ou posição marginal do Espírito Santo na tarefa teológica e, muito provavelmente, na devoção e na prática dos cristãos. Certamente, esse "Deus esquecido" aparece em algum *loci* teológico apresentado tanto sob a Trindade ontológica quanto sob a Trindade econômica, as relações intratinitárias e as *opera ad extra*[12]. Contudo, "tomos", capítulos inteiros ou exclusivos eram raros até pouco tempo atrás.

Constata-se também que, mesmo em autores reconhecidamente continuístas como Wayne A. Grudem (1948), o espaço dedicado à pneumatologia é relativamente breve. McGrath (2005) sugere que a guinada para o Espírito, certo "*Spirit Return"* ocorreu sob influência do pentecostalismo ou do que identificou como "movimento carismático" (MCGRATH, 2005, p. 361).

O caso brasileiro é especialmente interessante, uma vez que pentecostais e carismáticos no Brasil constituem hoje a maioria entre os protestantes e evangélicos. No entanto, "de forma paradoxal, mesmo sendo a igreja brasileira uma das mais carismáticas do mundo, ainda há pouco material de autores nacionais, refletindo sobre o Consolador de nossas almas" (SIQUEIRA, 2023, p.

[12] Diz-se, as obras de Deus para fora de si, ou seja, na criação.

16). Uma rápida exploração de uma revista eletrônica vinculada a uma instituição de ensino mantida por uma igreja pentecostal aponta exatamente para este fato, ou seja, entre o conjunto total de produções apenas um artigo aborda o tema da pneumatologia.

O presente texto proporá um teste que desvela o principal objetivo deste trabalho, qual seja, verificar o lugar da Pessoa do Espírito Santo na Escritura, na dogmática e na história da igreja. Evidentemente, outra questão de máxima importância será destacada; examinar o lugar do Espírito na vida da igreja o que inclui questões práticas como o culto, a oração e mesmo os elementos culturais a exemplo dos artefatos musicais, do lirismo cristão através do tempo.

2. O ESPÍRITO NAS ESCRITURAS DO ANTIGO TESTAMENTO

Logo no pórtico da história, no relato das origens, do *cosmo* e da vida, a Escritura trata de destacar a Pessoa do Espírito Santo. Isso se deu de dois modos, primeiro na narrativa que revela a presença e a ação do *ruach* (רוּחַ) na criação do mundo (Gn 1.2), depois na criação especial do ser humano (Gn 2.7). Em ambas as passagens, se identifica a recorrência de uma mesma palavra; *ruach* (רוּחַ) para descrever tanto o Espírito de Deus quanto o fôlego de vida. Nesse último caso, é o próprio sopro de Deus, ação que animou o homem formado da terra, o fazendo "alma vivente" (ARA – Gn 2.7).

Essa observação parece óbvia, mas pode provocar muitos equívocos. Um deles é a absoluta independência da vida humana da ação providencial de Deus que, nesse caso, é obra do Espírito Santo. O outro equívoco é aquele que pode conduzir a uma interpretação que "cheire" panenteísmo[13] ou no mínimo a deificação humana sob a incompreensão da *theosis*[14]. Para evitar tais equívocos é preciso recorrer ao Antigo Testamento e ao contexto de existência dos primeiros cristãos.

[13] Ensino derivado do pensamento romântico de Karl Friedrich Krause (1781-1832), por isso também conhecido como krausismo ou "racionalismo harmônico". Essa doutrina ensina que o mundo "é simples aparição de Deus, no qual todas as coisas estão imanentes. Embora transcendente, o ser divino está substancialmente unido com as criaturas" (SCHÜLER, 2002, p. 348).

[14] Antiga doutrina desenvolvida no cristianismo de fala grega ou *Ortodoxo*, representando certa "deificação" humana na consumação. É a união com Deus, a "visão beatífica", a impressão da imagem de Cristo que progressivamente vai se consubstanciando no crente até à glorificação. Há muita discussão sobre o real significado dessa doutrina, o que tem gerado muitos equívocos e condenações apressadas. A sugestão do autor é maior aprofundamento do leitor sobre o tema.

Conforme registrou Levison (2022), Hermann Gunkel (1862–1932), considerado por ele como o pai da "pneumatologia moderna", fez severa crítica aos "teólogos bíblicos por saltarem do Antigo Testamento para o Novo" ao mesmo tempo em que reivindicou a importância do judaísmo "para se entender o surgimento da pneumatologia cristã primitiva" (LEVISON, 2022, p. 21-22). Levison (2022), então, opera dupla exploração: da Escritura hebraica num mergulho exegético sobre o hebraico bíblico e do judaísmo sob o contexto do surgimento do cristianismo. Evidentemente, Gunkel, que também é considerado o "grande pioneiro da crítica da forma" (ANDERSON, 1998, p. 15), não se equivocou quando alertou sobre a importância do Antigo Testamento.

Uma das primeiras questões postas por Levison (2022) diz respeito ao que chamou de "a traição benigna das traduções" (LEVISON, 2022, p. 34). Para o autor, uma questão fundamental nas traduções é aquela relacionada aos "limites das línguas traduzidas". Esse é o caso da tradução do hebraico ou do grego quando os termos *ruach (*רוּחַ*)* e *pneuma* (*πνεύμα*) representam tanto "fôlego" quanto alguma "dotação carismática". Levison (2022), então, registra que os tradutores traem a língua original quando tentam identificar *ruach (*רוּחַ*)* ou *pneuma* (*πνεύμα*) quando se referem ao espírito humano ou ao divino e, assim, escrevendo com inicial maiúscula o termo que julgam se referir à dotação carismática de Deus. Sendo assim, o autor chama a atenção para o seguinte problema:

> [...] a ausência, nas línguas traduzidas, de uma palavra que possa significar simultaneamente espírito ou fôlego humano e Espírito ou fôlego divino. Contudo, em Israel e na igreja primitiva, não se pensava nessa distinção. Ruach e pneuma comunicavam tanto o espírito ou fôlego de Deus no interior de todos os seres humanos como espírito ou fôlego divino que Deus concede como dom especial (LEVISON, 2022, p. 35-36).

Como já anunciado, a tese de Levison (2022) não é uma defesa do panenteísmo, ou da antiga noção ortodoxa grega da *theosis*, antes, comunica a ideia geral de que *ruach* (רוּחַ) ou *pneuma* (*πνεύμα*) representam, ao mesmo tempo, o Ser de Deus, o Espírito, quanto o sopro ou fôlego divino que anima toda criatura humana, além de traduzir, brisa, vento, ar, sopro. De todo modo, se pode constatar que, nessa leitura, o Ser de Deus, o Espírito, ganha proeminência, sendo também responsável pelo fôlego humano, sua vida propriamente dita, pela "ontologia do humano". É o Espírito preservador e mantenedor da vida.

Entretanto, esse mesmo "espírito-respiração" (LEVISON, 2022, p. 37), termo que condensa o esforço de Leivison (2022) para romper a dicotomia entre *ruach* (רוּחַ) no humano e *ruach* (רוּחַ) divino, é o mesmo que qualifica, dinamiza, inspira e reveste de força os personagens do Antigo Testamento. *Ruach* (רוּחַ) é também um reservatório de virtudes e por isso mesmo Bezalel, artífice chefe da tenda do encontro (Êx 38. 22) é aquele que recebe uma "hipersaturação" do Espírito, "um enchimento total do espírito que ele já cultivava" (ibidem, p. 17). De fato, o texto bíblico descreve claramente a ação divina sobre Bezalel: "E o enchi do Espírito de Deus, de sabedoria, e de entendimento, e de ciência, em todo o lavor" (ARA – Êx 31. 2,3).

Além disso, a narrativa do Antigo Testamento clarifica a ação do *ruach* (רוּחַ) que além de fazer transbordar as habilidades de Bezalel e Aoliabe, os inspiraram como pedagogos, num tipo de solidariedade comunitária e generosa, capaz de mobilizar aquele que foi cheio de *ruach* (רוּחַ) a transmitir as mesmas virtudes, conhecimentos e habilidades. Diz o texto:

> Disse Moisés aos filhos de Israel: Eis que o Senhor chamou pelo nome a Bezalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá,
> e o Espírito de Deus o encheu de habilidade, inteligência e conhecimento em todo artifício,
> e para elaborar desenhos e trabalhar em ouro, em prata, em bronze,
> e para lapidação de pedras de engaste, e para entalho de madeira, e para toda sorte de lavores.
> Também lhe dispôs o coração para ensinar a outrem, a ele e a Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã.
> Encheu-os de habilidade para fazer toda obra de mestre, até a mais engenhosa, e a do bordador em estofo azul, em púrpura, em carmesim e em linho fino, e a do tecelão, sim, toda sorte de obra e a elaborar desenhos (ARA – Êx 35. 30-35).

Mas *ruach* (רוּחַ) também reveste de forças, de coragem e de outras virtudes. Opera sobre os juízes de Israel e os profetas. Em relação aos primeiros, os habilita para a defesa do povo, para isso, entrega virtudes especiais. Não é sem razão que certa teologia bíblica tem afirmado "que a intrepidez dos juízes para a guerra não é natural, mas exclusivamente um dom divino" (STRONSTAD, 2020, p. 95). Por causa disso, os juízes recebem a classificação de "profetas guerreiros carismáticos", identificados com o modelo de Josué (ibidem, p. 95).

Nesse caso, o método divino é o revestimento do Espírito que, na linguagem bíblica, diz sobre Otniel: "Veio sobre ele o Espírito do Senhor" (ARA –

Jz 3.10), ou sobre Gideão: “Então o Espírito do SENHOR revestiu” (ARA – Jz 6.34) e, ainda sobre Sansão, informa que *ruach* (רוּחַ) “começou a incitá-lo” (ARA – Jz 13.25). Em relação ao profeta, *ruach* (רוּחַ) comunica dotações carismáticas especiais, vocaciona e utiliza-o como seu porta-voz. Por isso a palavra hebraica para profeta, נביא “*nabi”,* traz em sua raiz o sentido de “proclamar ou anunciar”. Além disso, como registraram Radmacher, Allen e House (2010, p. 1180): “Outra possibilidade é a de que ela derive do vocábulo hebraico que significa borbulhar ou derramar”. Assim, concluíram os autores que a “profecia pode ser comparada a algo que “borbulha” do Espírito Santo no íntimo da pessoa que entrega a mensagem divina” (ibidem, p. 1180).

Já foi dito por vários pesquisadores da literatura hebraica que há, pelo menos, duas classificações básicas para o profetismo, ou seja, profetas de êxtase e escritores (*hagiógrafos*). Difícil é considerar o *hagiógrafo* como alguém desprovido de dotação carismática, daí, certo borramento nessas classificações, sobretudo em relação ao profeta escritor, pois as fronteiras não são tão nítidas. Assim, uma separação radical entre profetas extáticos e escritores é uma impossibilidade (RENDTORFF, 1977, p. 509). Alguns exemplos podem ser elencados, começando pelo consenso ortodoxo e bíblico de que “Deus mesmo falou por meio dos profetas (Hb 1.1); à medida que eles experimentavam a atividade do Espírito de Deus, proferiam a palavra de Deus” (DESMOND; ROSNER, 2009, p. 55).

Além dessa constatação, observa-se que o registro profético em muitos casos foi antecedido pela visão (êxtase) ou pela ordem expressa de Deus de proceder com o registro da revelação (Hb 2.3). Não é sem razão que, falando em primeira pessoa, registrou o profeta Oséias: “Falei aos profetas, e multipliquei a visão; e pelo ministério dos profetas propus símiles (ARA – Os 12.10). Nesse ponto, convém registrar uma nota sobre o “êxtase” que, por vezes, é assumido como “sinônimo de uma experiência irracional” (SIQUEIRA, 2023, p. 27).

Contudo, conforme registrou Tillich (2005), o êxtase: “aponta para um estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. O êxtase não é uma negação da razão; é um estado mental em que a razão está além de si mesma [...]” (TILLICH, 2005, p. 124). Sendo assim,

informa o autor, que tanto os apóstolos quanto os profetas testemunharam "reiteradamente de suas experiências extáticas" (ibidem, p. 124).

De todo o modo, as origens dos oráculos proféticos são identificadas, ou seja, *ruach* (רוּחַ) é a fonte, como bem registrou Zacarias sobre: "[...] as palavras que o Senhor dos Exércitos enviara pelo seu Espírito, mediante os profetas que nos precederam" (ARA – Zc 7.12). Assim, a frase ברוחו traduzida como "pelo seu Espírito" aponta claramente para o veículo da revelação, sua fonte propriamente dita; *ruach* (רוּחַ). Na verdade, o *nabiísmo* como a expressão original do profetismo em Israel era "marcadamente carismático" (SIQUEIRA, 2023, p. 34) e, nesse sentido, defende Siqueira (2023, p. 34) que: "o *nabiísmo* em Israel é a clara demonstração de que os fenômenos carismáticos, especialmente as elocuções extáticas, não são estranhos à literatura hebraica".

Em relação ao lugar do *ruach* (רוּחַ) no Antigo Testamento, muito ainda poderia ser dito. Entretanto, entende-se que para os fins deste trabalho e seus limites, os parágrafos acima são satisfatórios, sobretudo quando destacam a Pessoa do Espírito Santo na história primeva da salvação, na vida dos crentes, e como agente ou fonte da inspiração, do "borbulhar" profético no Antigo Testamento (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 1180).

3. O LUGAR DO ESPÍRITO NA TAREFA TEOLÓGICA

Após a produção dos autógrafos que compõem o Novo Testamento, a literatura cristã subsidiada pelos livros canônicos foi progressivamente ganhando forma. Surgiram os manuais como a *Didaquê*, a literatura epistolar e apocalíptica seguiu em continuidade, além de obras devocionais, fórmulas batismais e credais, *hagiografias* não canônicas (no sentido de biografia) e historiografias de matriz judaica helenística, como Atos dos Apóstolos (STRONSTAD, 2020, p. 58). Evidentemente, desde cedo, o cristianismo se destacou pela inclinação literária, para além da associação comum com judeus nos termos do "povo do livro".

De fato, já registrou a historiadora israelense Anita Shapira (1940 –) que o apego às Escrituras é, definitivamente, uma característica cristã que, aliás, influenciou os judeus e, mais precisamente, no movimento sionista[15]. Algo

[15] Anita Shapira se refere ao sionismo como movimento político no final do século XIX. O ponto de partida seria as atividades panfletárias de Yehuda Leib Pinsker, a partir de 1881, mas o principal ator foi Theodor Herzl cujo panfleto "O Estado dos judeus", publicado em 1896, pode ser considerado o marco simbólico e inaugural do sionismo. O primeiro Congresso Sionista (que

importante precisa ser registrado. Shapira (2018) afirma que foram os protestantes evangélicos da Inglaterra que transferiram aos sionistas o ingrediente de retorno à pátria, de "retorno dos judeus ao seu lar ancestral como primeiro passo para a redenção do mundo" (SHAPIRA, 2018, p. 33). A autora ainda informa que a Bíblia, como fonte legitimadora do movimento sionista e do retorno ao lar, passou a ser um ingrediente novo, uma vez que os judeus, ao longo do tempo, mantinham a Bíblia em posição secundária aos outros escritos como o *Talmud*. Como observa Shapira (2018), essa posição privilegiada da Bíblia é uma herança protestante (ibidem, p. 33).

Como se pode observar, o valor das Escrituras e seu primado no cristianismo é o pano de fundo para o desenvolvimento de uma cultura livresca. Evidentemente, os cristãos se apropriaram criticamente da cultura clássica (MCGRATH, 2005) algo que passou a caracterizar uma prática paradigmática na grande tradição cristã. Sendo assim, o que se espera é que parte dessa literatura possa carregar os vestígios de suas crenças e valores e isso também tem a ver com o lugar reservado ao *ruach (*רוּחַ*)* ou *pneuma,* ao Espírito Santo.

Nessa relação, convém registrar o que observou Roger Olson (2001). Para o autor, embora pensadores cristãos antigos como Atanásio tenha se referido ao Espírito Santo, uma teologia propriamente pnematológica só foi desenvolvida pelos pais Capadócios. Isso pode sugerir que, por algum tempo, o Espírito Santo foi "um Deus esquecido" na tarefa teológica da antiga igreja. Contudo, a questão exige cuidado. Olson (2001), em sua obra de teologia histórica, pontuou enfaticamente que "não existe nenhuma doutrina do cristianismo que tenha surgido do nada. Cada crença, quer considerada "ortodoxa" (teologicamente correta) ou "herética" (teologicamente incorreta), nasceu de um desafio" (OLSON, 2001, p. 17).

Isso significa, entre outras coisas, que os desafios contextuais dos primeiros pensadores cristãos como Irineu ou Atanásio em relação aos "gnosticismos" os conduziram à reflexão sobre a identidade de Jesus Cristo, à cristologia propriamente dita, reafirmando sua divindade e humanidade. A conclusão lógica é que tanto o Trinitarismo, quanto a pneumatologia ganharam

lançou as bases do moderno Estado de Israel) foi realizado na Basiléia em 1897 (SHAPIRA, 2018, p.19, 35, 37).

espaço subsequente, tendo como ponto de partida a pergunta por Jesus de Nazaré, oriunda das afirmações bíblicas sobre sua divindade.

Por exemplo, no século IV d.C. Gregório de Nissa (c. 330-395) desenvolveu uma obra magistral sobre a divindade do Filho que incluiu com justeza o tema da divindade do Espírito. Contudo, desde algum tempo, mais precisamente a partir do século II, um fenômeno relacionado à busca pela identidade carismática da igreja acabou sufocando a pneumatologia. A referência diz respeito ao montanismo.

O nome é derivado de Montano, líder recém surgido no século II d.C. que, a partir da Ásia Menor, começou um movimento de contestação à igreja estabelecida, sobretudo em relação ao episcopado monárquico e à sucessão apostólica, além da crítica sobre a perda da identidade carismática da igreja. Assim, uma das principais defesas do montanismo era a continuidade dos *charismatas*, o que incluía a *glossolalia* e a esperança escatológica. Euzébio de Cesareia, citando Apolinário de Hierápolis (séc. II), um pai apologista e grande opositor do montanismo, registrou suas impressões sobre a resistência dos montanistas ao episcopalismo monárquico:

> Diz-se haver certa vila da Mísia na Frígia, chamada Ardaba. Ali, dizem, um dos conversos recentes de nome Montano, quando Crato era procônsul da Ásia, tendo na alma excessivo desejo de assumir a liderança, dando ao adversário ocasião para atacá-lo. De modo que foi arrebatado no espírito, sendo levado a certo tipo de frenesi e êxtase irregular, delirando, falando e pronunciando coisas estranhas, e proclamando que era contrário às instituições que prevaleciam da igreja, conforme transmitidas e mantidas em sucessão desde os primórdios. (In: CESARÉIA, 1999, p. 182).

Ao que parece, as intenções de Montano e seus seguidores eram nobres, como bem disse Cairns (1995, p. 56): “Às vezes o líder equivocadamente entusiasmado, na tentativa de proteger a verdade pode subvertê-la; foi este o caso de Montano no segundo século”. Obviamente o episcopalismo monárquico embora possa ter sido uma estratégia para garantir a unidade da igreja, há de se registrar que as raízes profundas do papado podem ser rastreadas até o fenômeno. De todo modo é possível afirmar que o montanismo foi

> [...] uma tentativa da parte de Montano em resolver os problemas de formalismo na Igreja e a dependência da Igreja da liderança humana

> quando deveria depender do Espírito Santo. Esta tentativa de combater o formalismo e a organização humana levou-o a reafirmar as doutrinas do Espírito Santo e da Segunda Vinda. Infelizmente, como geralmente acontece em ·movimentos desta natureza, ele caiu para o extremo oposto e concebeu fanáticas e equivocadas interpretações da Bíblia (CAIRS, 1995, p. 82).

A resposta da igreja estabelecida foi imediata, contundente, e até com excessiva severidade (OLSON, 2001, p. 31). Tudo indica que a partir dessa conjuntura, a identidade carismática da igreja que já estava em declínio, como indica um documento antigo a *Didaquê*, ficou ainda mais ocultada, tudo justificado pelos excessos do montanismo. Sobre isso diz Olson (2001):

> Numa reação contra os excessos e as reivindicações exclusivistas de Montano e de seus seguidores, os líderes da igreja procuraram se apoiar cada vez menos em manifestações verbais sobrenaturais, como línguas, profecias e outros dons, sinais e milagres sobrenaturais do Espírito. Finalmente, tais manifestações carismáticas passaram a ser, injustamente, tão identificadas com Montano e o cisma montanista que quase se extinguiram sob a pressão de bispos temerosos e dos imperadores cristãos posteriores (OLSON, 2001, p. 31-32).

Nessa mesma direção, Earl Cairns (1995) ao ponderar sobre a questão montanista fez importantes observações. Primeiro, que houve excessos tanto no montanismo quanto na reação da igreja ao movimento. Segundo, embora os protestos da igreja e a condenação do montanismo no Concílio de Constantinopla (c. 381), o movimento se espalhou, alcançando Cartago e o Oriente, encontrando no grande Tertuliano um seguidor devotado. Por fim, o exemplo do montanismo deve conduzir uma profunda reflexão por parte da igreja no sentido de atentar para o “protesto perene suscitado dentro da Igreja quando se aumenta a força da instituição e se diminui a dependência do Espírito de Deus” (CAIRNS, 1995, p. 83).

Evidentemente, a tese de Cairns (1995) pode ser facilmente constatada em todo o curso da história da igreja, cujos vestígios podem ser encontrados nas obras de diferentes autores cristão, da antiguidade à Idade Média, da Reforma aos nossos próprios dias. O próprio monasticismo ou monaquismo pode ser entendido a partir dessa tese. Evidentemente, para além de certo dualismo verificado na inclinação ascética do monaquismo, há de se considerar o desejo sincero de viver uma fé viva, de desfrutar verdadeira e íntima comunhão com

Deus. Não é sem razão que ponderou Mesquiati (2020) que o movimento pentecostal contemporâneo não possui nenhum ineditismo, pelo contrário, "Ele deve ser entendido na esteira de movimentos espiritualistas históricos, que desde o Pentecostes do Novo Testamento se tornaram uma constante na história da Igreja, ainda que por meio de grupos nas margens" (MESQUIATI, 2020, p. 314).

Por isso mesmo, autores representativos dessa tensão podem ser identificados, a exemplo de Agostinho ou de Tomás de Aquino. A partir dessas referências, a tarefa teológica privilegiou temas diversos, relegando a pneumatologia a uma questão de segunda ordem, um tema apenas acessório. Assim: "Enquanto outras áreas da teologia recebiam novos impulsos e elaborações, a pneumatologia foi se acomodando a um papel secundário" (ibidem, p. 314). Evidentemente, essa posição parece ter sido replicada sob as reformas do século XVI, uma vez que a racionalização seria ainda mais exacerbada, [...] produzindo uma pneumatologia mínima, restrita à economia trinitária funcional e dispersa na teologia" (ibidem, p. 315).

4. O LUGAR DO ESPÍRITO NA VIDA DA IGREJA

Esse tópico é um tipo de ponte entre a dogmática e a vida da igreja. Isso no sentido de afirmar que a igreja não prescinde da doutrina ou do ensino correto. De fato, é preciso cuidado, tanto para não supervalorizar as chamadas "crenças corretas[16]" ou minimizar a importância da doutrina. Se outrora os cristãos davam muito valor à doutrina, mais precisamente aos dogmas de fé, em nossos dias parece que se verifica uma tendência oposta. Isso foi destacado quase em tom profético por Roger Olson (2001):

> Às vezes, o acerto doutrinário e teológico tem importado demais. Nos nossos dias, porém, parece que o pêndulo já chegou à extremidade oposta, já que muitos cristãos sabem pouco ou nada a respeito das doutrinas cristãs ou de como e por que se desenvolveram. **O cristianismo está correndo o risco de se tornar uma religião folclórica de culto terapêutico e sentimentos pessoais** (grifo nosso) (OLSON, 2001, p. 17).

Correndo o risco da generalização, a desvalorização da doutrina ou do ensino bíblico e teológico pode ser facilmente verificado em nossos contextos de

[16] Crença aqui tem o sentido de assentimento à doutrina, aquilo que tem a ver com "crer as coisas certas a respeito de Deus" (OLSON, 2001, p. 16).

comunidade de fé. Em relação à supervalorização do elemento doutrinário, algo precisa ficar claro. Trata-se mais de um zelo excessivo que, por vezes, tem justificado mais que simples intrigas ou meras discordâncias. Diz respeito às lutas fratricidas observadas historicamente sob diversos contextos eclesiais. Por vezes, questões não nucleares ou fundamentais tem sido objeto de discórdia e separação, provocando, até mesmo, perseguições e morte. Nesse sentido, nada justifica o zelo.

Por outro lado, sabe-se à luz da própria revelação que o verdadeiro vigário de Cristo é o Espírito Santo, pois como disse Jesus: "quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim" (ARA – Jo 15.26). De fato, a cláusula *filioque*[17] representou exatamente isso; a constatação da dupla procedência do *ruach* (רוּחַ), pois "no Ocidente, os teólogos sustentavam que o Espírito Santo procedia do Filho e do Pai" (CAIRNS, 1995, p. 165). Ele foi o inspirador dos profetas e apóstolos e agora atua na igreja, moldando sua vida, conduzindo a adoração, o culto, a oração e iluminando as mentes para a profunda compreensão das Escrituras. Nesse sentido, é aquele que aquece o coração dos discípulos enquanto são conduzidos à compreensão de Cristo na revelação (Lc 24.32). Nesse ponto, tem-se a imbricação entre o ensino correto (*ortodoxia*) e a prática correta (*ortopraxia*); a vivência.

Desse modo, é possível concluir, sem nenhuma reserva, que o ensino correto e a presença do *ruach* (רוּחַ) na vida da igreja e do discípulo possui consequências práticas, com implicações profundas na vida cotidiana como o *Spiritus sanctificans,* no culto como *Spiritus cultus,* na leitura e observação das Escrituras como *Spiritus illustrationis,* e na pregação do Evangelho como *Spiritus persuasionis.*

Sendo assim, o *ruach* (רוּחַ) é, ao mesmo tempo, o inspirador e o "intérprete" da Escritura, operando algo no coração do leitor quando confrontado pela Palavra de Deus. De fato, é preciso dizer que a Escritura jamais é alterada, mas, as

[17] Na ocasião em que o Credo Niceno-constantinopolitano, foi lido no terceiro Concílio de Toledo (c. 589), "as palavras "e o Filho" (*filioque*) foram acrescentadas à declaração "que procede do Pai", que se refere ao relacionamento entre o Espírito Santo e o Pai e o Filho". O autor concluiu que "As igrejas ocidentais desde então têm insistido na verdadeira divindade e na personalidade do Espírito Santo como co-igual, co-eterno e da mesma substância com o Pai e o Filho" (ibidem, p. 109).

disposições do coração, sim. É esse Espírito que está associado a um grupo de místicos na Idade Média, àquele tipo identificado pelo teólogo e historiador cubano-americano Justo González (1937 –) como um misticismo "essencialmente cristocêntrico" (GONZÁLEZ, 2011, p. 509), sem relação com o neoplatonismo.

Sob esse tipo cristocêntrico estavam Bernardo de Claraval e Francisco de Assis. Lutero, o Reformador de Wittenberg, também pode ser localizado entre os místicos cristocêntricos no período da Reforma. Aliás, parte de seus herdeiros podem ser incluídos, sobretudo, contemplados na musicalidade luterana que conforme Certeau (1982) observou na leitura de Jaeguer (1965), atingiu o ápice "da mística luterana" com Paul Gerhardt (1607-1676) e Johann-Sebastian Bach (1685-1750) (CERTEAU, 1982, p. 177).

Em relação à tarefa teológica, essas breves linhas sugerem que embora o *ruach* (רוּחַ) possa ocupar em determinados contextos uma posição secundária, sua ação se fez sentir na vida e na experiência da igreja que, não obstante os exageros, tem manifestado em todo o lugar aquele "protesto perene" quando se verifica a diminuição da dependência do Espírito de Deus" (CAIRNS, 1995, p. 83).

Uma última observação deve ser feita aqui. Com o advento do movimento pentecostal contemporâneo, uma vasta produção teológica e musical saturou a linguagem com metáforas que expressam o valor e o lugar do *ruach* (רוּחַ). O próprio termo "Espírito Santo" passou a ser amplamente citado e expresso no culto, na oração, na musicalidade e mesmo na poesia. Um exemplo claro dessa observação pode ser visto logo na primeira música do hinário adotado pelas Assembleias de Deus no Brasil:

Deus prometeu com certeza,
Chuvas de graça mandar;
Ele nos dá fortaleza,
E ricas bênçãos sem par.

Chuvas de graça,
chuvas pedimos Senhor,
manda-nos chuvas constantes,
chuvas do Consolador.

Cristo nos tem concedido O santo Consolador,
De plena paz nos enchido,
Para o reinado de amor.

Dá-nos, Senhor, amplamente,
Teu grande gozo e poder
Fonte de amor permanente,

Põe dentro de nosso ser.

Faze os teus servos piedosos,
Dá-lhes virtude e valor,
Dando os teus dons preciosos
Do santo Preceptor (J.R., 2008, p. 5).

Tudo indica que, na tradição pentecostal ou nos pentecostalismos, o Espírito continua sendo incubador ou reservatório de virtudes, aquele que "desce como chuva", consola, exalta a Cristo, santifica, opera no coração do pecador e do crente, mas também empodera, dinamiza a vida cristã para o testemunho e o serviço. No entanto, é preciso certo desvelo na observação do lugar do *ruach* (רוּחַ) na vida dos cristãos contemporâneos uma vez que pode ser que se registre um tipo de pentecostalidade teórica, um cessacionismo prático esboçado por pentecostais de cabeça, mas, sem o coração.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de discorrer sobre a pneumatologia destacando a pessoa do Espírito Santo, seu lugar na Escritura, na reflexão doutrinária e na história da igreja foi razoavelmente atendida. Isso também diz respeito à síntese anunciada, evitando, assim, qualquer expectativa de ir além. A pergunta-problema também foi razoavelmente respondida tendo em vista o atendimento dos três objetivos principais.

Assim foi confirmado o lugar expressivo do Espírito Santo nas Escrituras, certa marginalização ou posição secundária assumida na tarefa teológica, com a observação de que sempre ocupou lugar na reflexão de uns e outros autores cristãos. Por fim, foi confirmado seu lugar na vida da igreja, mesmo em tempos de frigidez espiritual, uma vez que Ele é o verdadeiro representante de Cristo até à consumação.

De outro modo, diz-se que é na vida da igreja que se estabelece uma relação de imbricação entre o ensino correto sobre o Espírito Santo e a prática percebida na vida cotidiana, no culto, na leitura das Escrituras e mesmo na produção de artefatos culturais como a música e a poesia. Outra questão pertinente pode apontar para outras pesquisas e reflexões, a possibilidade de um pentecostalismo teórico e de um cessacionismo prático. Certamente isso poderá ser proposto em outro momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. Novo dicionário de teologia bíblica. Trad. William Lane. São Paulo: Editora Vida, 2009.

ANDERSON, Bernhard W. **Creation versus Chaos**: The Reinterpretation of Mythical Symbolism in the Bible. Philadelphia: Fortress, 1998.

BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada - Deus e a criação**. Trad. Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2012b.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Trad. Euclides Martins Balancin *et al*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri, 1993.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. Edição especial para estudo e pesquisa. vl.1. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. Trad. Robinson Malkomes; Valdemar Kroker; Tiago Abdala Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GEISLER, Norman. **Teologia sistemática**: a Bíblia, Deus, a criação. 1 vol. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

GONZÁLEZ, Justo L. **História Ilustrada do Cristianismo**: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados. Trad. Hans Udo Fuchs e Key Yuasa. 2. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

J.R. Chuva de graça. In: **Harpa Cristã Cifrada**. 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

LEVISON, Jack. **Inspirado:** o Espírito Santo e a mente da fé. Trad. Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

MCGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a teologia cristã. Trad. Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã:** 2000 anos de tradição e reformas. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Editora Vida, 2001.

RADMACHER, Earl. ALLEN, Ronald B. HOUSE, H. Wayne. **O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais:** A Palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2010.

RENDTORFF, R. “Prophétes ktl: nabî’ nell’ Antico Testamento”. In: KITTEL, G. e G.

FRIEDRICH. Grande Lessico del Nuovo Testamento. Brescia, Paideia, 1977.

SIQUEIRA, Gutierrez. **Pneumatologia**: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: Thomas Nelson brasil, 2023.

SOUSA NETO, Fábio de. GRANGEIRO, C. Alessandra Carlos. **Tópicos especiais em teologia sistemática**: o ser de Deus e os mandatos divinos. Goiânia: FASSEB, 2023.

STRONSTAD, Roger. **Hermenêutica Pentecostal**: Espírito, Escritura e Teologia. Natal: Carisma, 2023.

STRONSTAD, Roger. **Teologia bíblica pentecostal**: de gênesis a apocalipse – momentos decisivos da história da redenção. Trad. Celso Santista. Natal: Editora Carisma, 2020.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Trad. Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Editora Vida, 2011.

VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB